

AFFONSO D'ESCRAGNOLLE TAUNAY

Em reunião da Sociedade Rural Brasileira, presidida pelo dr. Luis de Toledo Piza Sobrinho, o sr. Alberto Prado Guimarães proferiu as seguintes palavras em homenagem à memória do escritor Affonso D'Escragnoille Taunay, recentemente falecido:

«Faz poucos dias faleceu Affonso D'Escragnoille Taunay.

Filho de Visconde de Taunay, que tanto realce deu à literatura pátria, não só pelo volume de sua obra, como pela gracilidade de expressão que teve em «Inocência» um livro universal; descendente da grei de alto valor artístico com que o Monarca houve por bem galardoar a terra nova e louçã, não pôde Affonso de Taunay eximir-se à atávica tendência de se dedicar às letras, às ciências e às artes. Pesquisador incansável, procurou nos arcanos do vernáculo as gemas mais preciosas com que ilustrou e refundiu os lexicons. E retratando o passado, em largas faixas panorâmicas, desenhou e coloriu eventos mil, ao esmiuçar arquivos, palimpsestos e incunábulo, documentos poidos pelo roçar dos séculos, com rara argúcia e pertinácia inaudita, tendo sempre em mente que «Where there is a will, there is a way».

Não obstante a inclinação natural para os assuntos históricos, não se esqueceu aos estudos técnicos, tendo sido professor de Física na Universidade de São Paulo, como que querendo dizer das ciências e das artes:

«Tódas de tal nobreza e tal valor. Que qualquer delas cuida que é melhor».

Apolo e as musas sempre o acompanharam, de tal arte que se conta, como exemplo de ubiquidade intelectual, que Taunay lia os jornais dedilhando ao piano músicas clássicas.

Seu discípulo no Ginásio de São Bento, na Faculdade de Filosofia do Monseñhor Sentroul e na Escola Politécnica, guardo dêsse Mestre e Amigo recordações inesquecíveis. Das suas aulas, da sua proiciência no desenrolar a voz da História, em comentários eruditos, pontilhados de anedotas e debulhados em datas de precisão incontestável, dava-nos, a nós alunos tímidos diante de tanto conhecimento, como que a impressão de um estafeta, portador de novas, a cada porta da via imensa, em que a numeração era por demais sabida e como que conhecendo, pelo nome em cada casa os seus habitantes, os seus costumes e a sua vida. Tal era o desdobrar das datas históricas na cadeira em que pontificava incontrastável e que, em arrancos suaves, ia cada vez mais elucidando de detalhes e atavios.

E que coração de ouro! Recordo-me, neste momento de saudades, de episódio que traduz bem o seu caráter generoso. No internato do velho Ginásio era praxe dar-se o prêmio de saída semanal, aos Domingos, ao invés da regulamentar de Domingo sim e Domingo não, aos que obtinham a classificação de primeiro da classe no boletim de notas. Competindo com outro em emulação natural, vim a saber da lealdade do colega, que certa vez, êle obtivera a palma honrosa graças a uma observação que fizera a um professor sobre as possibilidades de sua classificação se lhe fosse dada uma nota mais indulgente. E com isso conquistara o prêmio da saída semanal. Em ocorrendo uma disputa desportiva de grande interesse para o meu animo juvenil, e computando as

notas do mês, pude notar que se obtivesse ao invés de um provável 9, o grau máximo ou dez em História, poderia alcançar o escôpo de assistir a pejeja anunciada. Não tive dúvida em abrirem com o severo Mestre de História, o austero Taunay, e dizer-lhe como ficaria contente se em lugar de uma nota elevada como seria 9, obtivesse

tas obras massiças. Incluem-se entre elas duas de grande vulto e para nós muito gratas: «A História Geral das Bandeiras», (10 volumes), contendo imenso, senão completo, repositório das lutas e andanças dos primitivos paulistas; e a monumental «História do Café do Brasil», em 15 volumes, o maior documentário da vida aventureira e ho-



Affonso D'Escragnoille Taunay, o historiador de S. Paulo

distinção, porque dessa forma a média geral dar-me-ia a saída almejada. O velho Mestre, sorrindo complacente, não pôz dificuldade em atender-me ao pedido um tanto presunçoso ou atrevido, o que igualando ao meu competidor habitual, me deu ensanchas de assistir à pugna acariciada.

Em toda a parte onde Taunay se apresentava era querida a sua pessoa, tal era agradável a sua prosa e delicado o seu gesto. «Causeur» dos mais espirituosos, eram um encanto as suas opiniões entremeadas de trechos genuínos da copiosa leitura servida por uma memória asombrosa. Bastava ler uma vez uma página de livro que a pudesse repetir integralmente. Compreende-se, pois, que a sua bagagem literária ascendesse a mais de duzen-

mérica do produto-rei das terras brasileiras.

Tendo em vista, o valor portentoso de tal empreendimento, honra e glória de um espírito inigualável, porque, apesar do seu já grande acervo de publicações, cometa êle nova tarefa, a Sociedade Rural Brasileira, muito merecidamente, convidou-o a ser presidente de honra da 1.ª Mesa Redonda do Café, realizada em 1948. Pretendeu o velho Mestre e Grande Amigo fosse atribuída ao seu humilde discípulo, então secretário do certame, a lembrança de tal designação, o que deu motivo a que de Taunay eu recebesse, com grande emoção, uma obra interessante sobre o café, de autoria de um monge dantanho, raridade bibliográfica.

(cont. à pg. 15)